

Henrique Vieira Ribeiro + Alfredo Antunes

HORIZONTES BRANCOS

Inauguração 12 setembro, 19h

Exposição 13 setembro – 4 outubro 2018 | Seg a Sex, 11h - 19h

Espaço Camões da Livraria Sá da Costa | Praça Luís de Camões, 22, 4º andar, Lisboa

CONVOCAR AS IMAGENS, REVELAR OS FANTASMAS

As imagens que Henrique Vieira Ribeiro apresenta nesta exposição têm aquela qualidade que Freud designou com o conceito de “Unheimlich”: o que é ao mesmo tempo familiar e estranho, uma estranheza que inquieta porque reside precisamente no que é próximo e conhecido. São fotografias domésticas, pertencentes a um álbum de família, que agora sobrevivem como fantasmas vindos de um tempo e de um lugar indefinidos, mostrando ostensivamente a sua condição póstuma. Elas solicitam, assim, um olhar arqueológico, como as peças de um museu ou os documentos de um arquivo. Convidam-nos à construção imaginária de uma história, solicitam que preenchamos os espaços vazios do “quando”, “onde” e “quem”: quem são aquelas pessoas? Em que circunstâncias, e em que tempo, foram fotografadas?

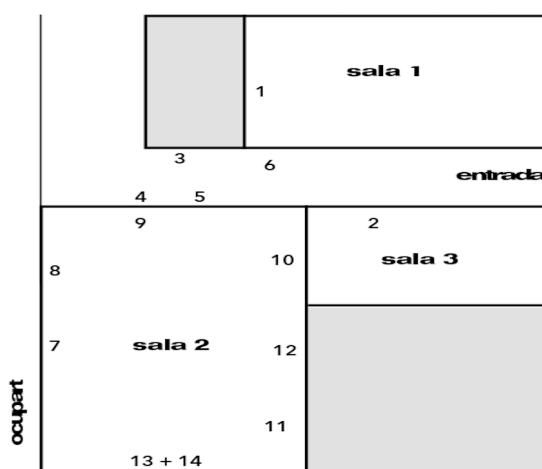
Este é apenas o primeiro nível de significação. E, sendo o mais imediato, não é certamente o mais interessante nem constitui o centro desta exposição. Se tudo ficasse por aí e o artista fosse apenas um mediador na apresentação destas imagens, se não as submetesse a uma forte intervenção assumindo uma co-autoria, esta seria uma exposição com um carácter documental. Mas há um outro nível de significação mais importante, e é aí que devemos apreender o que há de fundamental neste trabalho. Esse outro nível é o da subtracção destas imagens à sua condição documental e histórica. Neste caso, o artista não é apenas mediador nem tem uma atitude reverencial pelas imagens do seu arquivo. De certo modo, ele profana-as, exerce sobre elas uma manipulação que as desvia do seu lugar originário. Essa manipulação tem duas dimensões: através da digitalização e ampliação, as imagens ganham qualidades plásticas próximas de uma disciplina artística que já não é a fotografia. Há aqui uma anulação do efeito fotográfico, até ao ponto em que o espectador sente que deixou de ser convidativo e pertinente perguntar: quem, quando, onde? E o vídeo, mostrando uma série de negativos, reforça a ideia de perda de referencialidade das imagens. Mas devemos reparar que este vídeo tem som, e esse som evoca uma máquina de projecção (sublinhando assim, o aspecto técnico e maquínico) e é interrompido no final por um breve discurso que parece radiofónico ou dos antigos locutores da televisão, onde é pronunciada uma frase de tom poético.

Nessa frase surge a expressão que dá o título à exposição: “Horizontes Brancos”. O que faz este registo áudio e esta “banda sonora” da projecção? Trazem para o primeiro plano as máquinas de visão e de audição, integram os dispositivos técnicos como elementos fundamentais da exposição. Esses dispositivos técnicos incluem ainda uma mesa de luz e três projectores de slides. Aqui, os *media* não têm a qualidade da transparência, não se apagam para deixar ver a imagem ou som de que são mediadores. Pelo contrário, eles têm uma especial opacidade, na medida em que são exibidos enquanto tal: as máquinas, os dispositivos técnicos, são parte integrante deste trabalho, são elementos equivalentes às fotografias. Eles são um factor de anulação do efeito documental. E, então, as imagens encaminham-se para um lugar enigmático, onde se revela a sua condição fantasmática.

António Guerreiro

Henrique Vieira Ribeiro (Lisboa, 1970), é mestre em Arte Multimédia, vertente de Audiovisuais, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, e licenciado em Arte Multimédia, vertente de Fotografia, pela mesma instituição. Docente convidado na Escola Superior de Arte e Design, Caldas da Rainha (2015/2016 e 2016/2017) nas cadeiras de fotografia, projeto audiovisual e multimédia e desenho digital. Participa, em 2017, na residência artística ResArt Marvão. Na prática autoral, as suas inquietações têm como origem aspetos relacionados com a condição humana, nomeadamente a reflexão acerca da necessidade/desejo de transcendência do ser humano; neste aspeto, o objeto enquanto portador de vida, enquanto testemunho mnemónico, desempenha um papel preponderante. Utiliza a fotografia e o vídeo como media nucleares que, em conjunto com o desenho, formam os seus suportes de eleição; contudo, o resultado final das suas obras tem vindo a adquirir um cariz de instalação. Está representado em várias coleções particulares em Portugal, França e Inglaterra, assim como em instituições como o Museu do Combatente, Galeria Artur Bual e Associação 25 de Abril. Está ainda representado na Fundação Calouste Gulbenkian e na Coleção Figueiredo Ribeiro - Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes.

Alfredo Antunes (Lisboa, 1923-79).



1. Horizontes brancos, 2017
21'49", loop
FullHD vídeo, PAL, 16-9, B/W, stereo
Edição 3+PA

6. Horizontes brancos #04
(série A Casa), 2018
100x150 cm
Jato de tinta s/papel de algodão
Edição 3+PA

10. Horizontes brancos #02
(série A Casa), 2018
100x150 cm
Jato de tinta s/papel de algodão
Edição 3+PA

2. Artefacto#10 (série A Casa), 2018
Projektor de slides + slide

7. Horizontes brancos #01
(série A Casa), 2018
100x150 cm
Jato de tinta s/papel de algodão
Edição 3+PA

11. Horizontes brancos #03
(série A Casa), 2018
100x150 cm
Jato de tinta s/papel de algodão
Edição 3+PA

3. S/título (Série A Casa), 2018
45x70 cm
Jato de tinta s/papel de algodão
Edição 3+PA

8. Horizontes brancos #05
(série A Casa), 2018
100x150 cm
Jato de tinta s/papel de algodão
Edição 3+PA

12. Artefacto#13 (série A Casa), 2018
Caixa de luz, acrílico, 14 slides

4. S/título (Série A Casa), 2018
45x70 cm
Jato de tinta s/papel de algodão
Edição 3+PA

9. Horizontes brancos #06
(série A Casa), 2018
100x150 cm
Jato de tinta s/papel de algodão
Edição 3+PA

13. Artefacto#11 (série A Casa), 2018
Visualizador de slides + slide

5. S/título (série A Casa), 2018
45x70 cm
Jato de tinta s/papel de algodão
Edição 3+PA

14. Artefacto#12 (série A Casa), 2018
Visualizador de slides + slide